



IMPLICAÇÕES DA MONTAGEM CINEMATOGRAFICA PARA A COMPREENSÃO DO TEOR DA (RE)CRIAÇÃO DA VIOLÊNCIA EM *CIDADE DE DEUS*

LEITES, Bruno B P¹

¹Centro de Educação e Comunicação – EDCOS/UCPel
Rua Almirante Barroso, 1202 – Campus II - CEP 96010-280. bleites2003@hotmail.com.br

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa situa-se no limite entre dois campos sociais: violência urbana e Cinema. Sabe-se que o primeiro se tem configurado como um problema social de alta complexidade, que exige atuação de diversas áreas para sua melhor compreensão e amortização. Quanto ao Cinema, constitui-se numa importante ferramenta de produção e circulação do discurso da violência urbana, inserido na reconfiguração (constante e veloz) da *Estética da Violência*.

O eixo de estudo do trabalho é a (re)criação da violência urbana no Cinema, incluindo não apenas as imagens de efetiva agressão, mas também a forma com que os filmes trabalham todo o seu universo.

O termo (re)criação surgiu a partir das considerações feitas no andamento da pesquisa. Quando se estudaram as teorias do Cinema, viu-se que há duas concepções básicas quanto à natureza dos filmes: *representação* e *leitura da realidade*. A primeira indica o *cinema da transparência*, de André Bazin, enquanto a segunda indica a *cine-dialética*, de Sergei Eisenstei.

A compreensão do que seja a natureza do Cinema ensejou encará-lo como *instrumento de leitura* (produtor de visões/conceitos de realidade). Dessa maneira, o Cinema seria sempre um instrumento de *criação*, jamais de *representação*.

O sentido da (re)criação, e por isso o termo foi adotado, abriga o significado de criação (como visto, alo inerente a todo fazer cinematográfico) e de recriação, tomada como a criação no Cinema de algum evento já ocorrido na realidade. Assim, destaca-se o caráter de criação inerente às produções cinematográficas, mas não se exclui a recriação, o tipo de obra que tem um referencial direto no mundo cotidiano.

O objetivo do trabalho foi identificar alguns elementos com que a realidade urbana é (re)criada no filme *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles. Foram observados aspectos materiais (simbólicos, referentes aos assuntos abordados) e técnicos (referentes às opções cinematográficas), para a formulação desses mencionados elementos.

Vale salientar que a intenção não foi esgotar os elementos inerentes ao tema, pois isso seria demasiado pretensioso. O objetivo foi identificar os elementos, interpretá-los e discuti-los, visando constituir uma base de reflexão sobre a (re)criação da violência no Cinema.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O *corpus* da análise foi composto por 10 cenas do filme *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles. O critério para a escolha foi a potencialidade de significação das cenas, sob a ótica do referencial teórico adotado e com vistas à consecução do objetivo da pesquisa. Dessa forma, algumas cenas amplamente comentadas na Academia e na imprensa foram preteridas por não indicarem as melhores possibilidades de reflexão frente aos objetivos do trabalho. Por outro lado, houve cenas aparentemente secundárias na obra que se prestaram às análises, por denotar a forma com que o diretor trabalhou determinado recurso cinematográfico importante para o estudo.

A primeira etapa da pesquisa foi a revisão bibliográfica sobre alguns dos principais autores que trabalham a questão da violência urbana e da estética que constitui na comunicação e no Cinema, bem como autores fundamentais para o Cinema, principalmente no que tange à montagem.

As análises foram feitas a partir das cenas escolhidas, conforme mencionado anteriormente. Não se fez um diagnóstico dos excertos do filme, no sentido de identificar conceitos previamente selecionados, já que o objetivo esteve em compreender o que as cenas têm a dizer sobre os elementos da (re)criação da violência no filme.

Em seguida, foi feita discussão baseada nos resultados obtidos nas análises, onde se pôde responder aos objetivos levantados no início da pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas análises foram identificados sete elementos com que a violência (incluindo aspectos contextuais) foi (re)criada no filme: 1) o fascínio do consumo e sua relação com a criminalidade e a violência; 2) a sedução da criminalidade sobre os traficantes; 3) a importância do caráter (tendência) para a constituição das personagens do filme; 4) o estilo *tarantiniano* presente em algumas cenas; 5) a *leitura* da realidade operada através do narrador; 6) a reflexão e o julgamento no filme quanto aos problemas da criminalidade; e 7) algumas implicações da utilização de não-atores (principalmente crianças) nas filmagens.

As análises foram feitas de forma a compreender o teor da (re)criação da violência, de acordo com as teorias sobre montagem abordadas na revisão bibliográfica.

Quando se abordou a montagem foram identificadas duas tendências: o *cinema da transparência*, que toma a câmera como uma *janela* para o *mundo* e, assim, constrói uma concepção de cinema como reflexo da realidade; e a *cinemadialética*, onde o cinema será sempre uma *leitura da realidade* e, possivelmente, uma reflexão sobre ela.

A partir das noções apresentadas pode-se atribuir diferentes valores aos elementos do cinema. O *cinema da transparência*, por exemplo, vai atribuir um papel

sempre coadjuvante à montagem, e central à continuidade. Enquanto a *cinemática dialética* irá elevar a importância da montagem.

Trabalhou-se também com a concepção de Vernet, que opera uma distinção entre *transparência* e *realismo* no cinema, sob a ótica do cinema reflexivo. Segundo o autor, essa pretensão de realismo resume-se a um recurso de estilo, uma proposta do cineasta e que, portanto, não se deve confundir com a hipotética *vocação* do cinema em reproduzir a realidade. Todavia, o discurso dos diretores do *Cidade de Deus* é de que sempre se optou no filme por mostrar a realidade como ela é, sem a intervenção (mediação) do cineasta. Por isso eles pautaram suas escolhas procurando sempre recursos que *transparecessem* o real.

4. CONCLUSÕES

Ainda que o diretor tenha feito sempre a opção pelo modo que mais fosse próximo à realidade, as escolhas feitas para a (re)criação afastam qualquer possibilidade de entender o *Cidade de Deus* como *retrato* da realidade. De uma análise mais detalhada das cenas, pôde-se perceber a importância da opção que foi feita para cada elemento do filme e as implicações que elas tiveram para a constituição da obra final.

O fato de o cineasta buscar a *transparência* (representação), na escolha dos elementos do filme, não implica construir um retrato da realidade. Aplica-se aqui o dito por Vernet: uma coisa é o realismo dos meios de expressão, outra é o realismo como tema do filme.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUMONT, Jaques. **A estética do filme**. Campinas: Papirus, 1995.
- AUMONT, Jaques. **A Imagem**. 5ª Ed. Campinas: Papirus, 1993.
- BATISTA, Vera Malaguti. **O medo na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Revan, 2003.
- BAZIN, André. **O Cinema: ensaios**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- BUTCHER, Pedro. **Cinema brasileiro hoje**. São Paulo: Publifolha, 2005.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: 34, 2007
- FLUSSER, Vilém. **Ensaio sobre a fotografia: para uma filosofia da técnica**. Lisboa: Relógio D`água editores, 1998.
- LINS, Paulo. **Cidade de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- HIKIJ, Rose. O mal estar no cinema: a violência como linguagem no cinema de Michael Haneke. In: NOVAES, Sylvia Caiuby. **Escrituras da imagem**. São Paulo: Fapesp, 2004.
- MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- REIS, Joari. **Breve história do Cinema**. Pelotas: Educat, 2002.
- VERNET, Marc. Cinema e narração. In: AUMONT, Jaques (et. al.). **A estética do filme**. Campinas: Papirus, 1995.
- XAVIER, Ismail. **O Discurso Cinematográfico: a opacidade e a transparência**. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza.** São Paulo: Brasiliense, 2000.